FILMES QUE AMO

Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 6 DE JUNHO, DE 2022 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

HORIZONTES DE GLÓRIA

Título original: Paths o Gloria

Realização: Stanley Kubrick (EUA, 1957)

O CINEMA E A GUERRA

A guerra deve ser o maior flagelo inventado pelo homem. Outros haverá, como certos cataclismos naturais, que se lhe podem assemelhar, mas não são deliberadamente inventados pelo homem. A guerra é. Não tenho a mais pequena simpatia por qualquer tipo de guerra. Não consigo perceber como o homem pode congeminar um tal poder destruidor, para se impor a outros seres seus semelhantes. A verdade é que, para qualquer lado que nos voltemos, da religião à política, da economia ao desporto, há disputas pelo poder que levam invariavelmente à violência. O homem é, por isso, um animal violento que não sabe resolver os seus problemas de forma cordata e racional, através do diálogo e da tolerância.

Por mim, detesto a guerra e tudo quanto a relembra. É obvio que tal não pressupõe um menosprezo pela classe militar, pois não se pode desarmar perante a violência. O ideal seria um desarmamento global, uma quimera irrealizável. Logo os militares são necessários e há que reconhecer a muitos deles a grandeza da sua função.

Mas devo reconhecer igualmente que tudo o que me recorda a guerra, inclusive a instrução militar, me causa calafrios. Um dos períodos mais traumáticos da minha vida passei-o em Mafra, nesses medonhos e sombrios corredores do convento, convertido em quartel, ou na adjacente tapada, onde se realizavam diabólicos exercícios físicos, para os quais não estava nada predestinado. Fiz a minha tropa entre 1969, dezembro, e meados de 1972, comecei a recruta com 27 anos, dado que, como andava na faculdade de Letras, fui adiando a incorporação até ao limite possível, até terminar o curso de História. Nos dois últimos anos fui fazendo duas cadeiras de cada vez, pois bastava esse certificado para permitir o adiamento. Subterfúgios.

Tudo durante a recruta foi um sacrifício impensável. Não só ideológico, pois a ideia da guerra me revoltava, acrescida do facto de Portugal se ter embrenhado num conflito colonial que me parecia de todo em todo injusto, como até físico. Apesar da minha aparência robusta, nunca fui o que se chama um "desportista". Todos os exercícios de ginástica, marcha, tiro, etc. me eram penosas

experiências. Para mais, desde miúdo que vejo muito mal da vista direita, depois de ter levado com uma bolada no olho, que nunca mais se recompôs. Tinha desde então oito dioptrias e meia nesse olho, o que me impunha um acentuado desequilíbrio. Andar nas alturas, em cima de estreitos muros, era (e é, cada vez mais) um suplício. Pois todos os dias de manhã, era obrigado a uma caminhada desse tipo, em direção ao que nós chamávamos na altura a "aldeia dos macacos".
É evidente que o exercício físico faz bem ao desenvolvimento de cada indivíduo. É óbvio que o cultivo de uma sã camaradagem é sempre positivo. Aceito como justíssima a prática de uma solidariedade de grupo. Tudo isso são aspetos que podem ser muito positivos no chamado "serviço militar".
Por outro lado, não sou adepto de andar a oferecer a outra face todos os dias e a toda a hora. Quem é atacado tem de se defender. Tem de estar preparado. Por isso as forças armadas têm o seu papel em todas as sociedades. Para defender, não para atacar.
Dito isto, devo referir ainda que, no campo dos géneros cinematográficos, o filme de guerra é dos meus menos apreciado, o que não quer dizer que não existam obras-primas indiscutíveis e cineastas que o cultivaram ao mais alto nível. Mas os melhores filmes de guerra são filmes pacifistas, antimilitaristas, mostrando sobretudo a barbárie que é o estado de guerra. Como "Horizontes de Glória", de Kubrick. Filmes de guerra importantes são os que mostram que, quase sempre, por detrás dos motivos aparentes que regem as guerras, existem razões poderosas de ordem económica que as justificam. Como "Lawrence da Arábia", de David Lean. Filmes de guerra imperiosos são os que valorizam a visão humanista, os que testemunham feitos heroicos, não de destruição, mas de solidariedade humana, de cumplicidade na camaradagem mesmo entre inimigos. Como "A Grande Ilusão", de Renoir. Filmes de guerra que valem a pena são aqueles que apontam o absurdo de certas opções que multidões manipuladas apoiam e acalentam. Como "A Lista de Schindler", de Steven Spielberg.
Mas há muitos outros excelentes títulos a não perder de vista: um dos mais recentes é "Dunquerque", de Christopher Nolan. "A Oeste Nada de Novo", de Lewis Milestone é dos mais antigos. Entre ambos, "Apocalypse Now", de Francis Ford Coppola, "A Ponte do Rio Kwai", de David Lean, "O Resgate do Soldado Ryan", de Steven Spielberg, "Nascido Para Matar", de Stanley Kubrick, "Platoon - Os Bravos do Pelotão", e "Nascido a 4 de Julho", de Oliver Stone, "A Grande Evasão", de John Sturges, "Feliz Natal, o Sr. Lawrence", de Nagisa Oshima, "O Pianista", de Roman Polanski, "Cartas de Iwo Jima" e "As Bandeiras dos Nossos Pais", de Clint Eastwood, "O Caçador", de Michael Cimino, "Sacanas Sem Lei", de Quentin Tarantino, "Doze Indomáveis Patifes", de Robert Aldrich, "Até à Eternidade", de Fred Zinnemann, "Inferno na Terra", de Billy Wilder, "Sargento York", de Howard Hawks, "O Dia Mais Longo", de Ken Annakin, Andrew Marton, Bernhard Wicki, Gerd Oswald, Darryl F. Zanuck, "MASH", de Robert Altman, "A Barreira Invisível", de Terrence Malick, "Estado de Guerra", de Kathryn Bigelow, "O Sargento da Força Um", de Samuel Fuller, "Glória", de Edward Zwick, entre alguns mais, dão bem a medida da importância do filme de guerra ao longo de toda a história do cinema.

HORIZONTES DE GLÓRIA (1957)

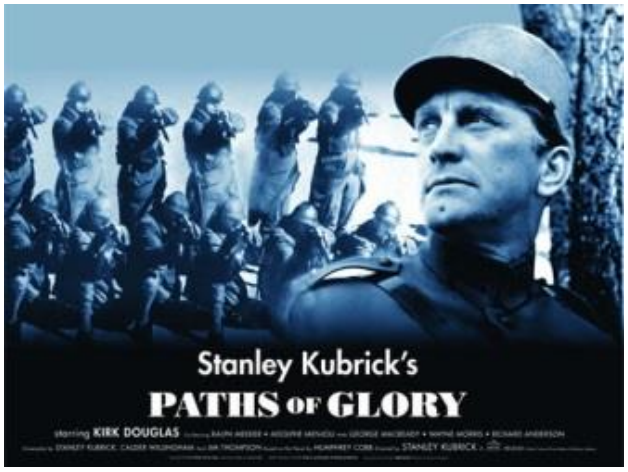
Depois do sucesso brilhante de "Um Roubo no Hipódromo", retirado da obra de Lionel White ("Clean Break"), partindo de um argumento escrito pelo próprio Stanley Kubrick, de colaboração com Jim Thompson (sobretudo nos diálogos), o cineasta percebe que as portas de Hollywood se abriam. Será o actor Kirk Douglas a consubstanciar esse interesse, oferecendo a Kubrick a realização do seu próximo filme, "Paths of Glory", uma obra sobre a I Guerra Mundial, cuja temática ferozmente anti-belicista irá provocar verdadeiros terramotos aquando da sua estreia, sobretudo na Europa. O argumento é de novo assinado por Stanley Kubrick e Jim Thompson, desta feita com a colaboração de Calder Willingham, segundo um romance de Humphrey Cobb ("Paths of Glory").
I Guerra Mundial, 1916: o quartel-general das tropas francesas está instalado num castelo junto à frente da batalha. Dois generais planeiam um ataque suicida a uma colina na posse dos alemães. O Horminguer não parece ter qualquer valor estratégico e a sua improvável conquista ceifará a

vida a centenas de homens. Mas o general Broulard (Adolphe Menjou) incita o seu colega Mirbeau (George Macready) a empreender esse ataque como forma de ser promovido. O coronel Dax (Kirk Douglas) será nomeado para a missão, que executa, apesar das muitas reticências que levanta. Está em causa a coragem do soldado francês. É preciso dar o exemplo. E assim se fará, em vagas sucessivas de soldados que vão caindo uns atrás dos outros, muito embora a artilharia prepare o terreno. A retirada é obrigatória, mas Mirbeau não está satisfeito. Manda a artilharia atacar os franceses que se recusam a deixar as trincheiras e, no final, acusa todos de cobardia e prepara um tribunal militar para julgar os "traidores", pedindo que "apenas" três soldados sejam fuzilados como exemplo. Dax é o oficial que se auto nomeia advogado de defesa, mas não consegue demover o tribunal. Os três soldados serão mesmo fuzilados.

A muitos anos de outras obras que abordaram posteriormente a tragédia da guerra, como "Apocalipse Now" ou "O Regresso do Soldado Ryan", este "Horizontes de Glória" mostra-se de uma frieza e contundência sem par a denunciar um caso verídico, passado durante a guerra de 1914-1918, e que é aqui erigido em exemplo de carnificina escusada e de vileza militar. O filme decorre praticamente entre dois cenários, que prefiguram duas classes sociais e dois comportamentos perante a guerra: o castelo onde estão os "Senhores", os "Oficias Superiores", e as trincheiras onde morrem os "Escravos", os "Soldados". À vida cortês e despreocupada, apenas interrompida pela intriga palaciana, por entre boas refeições e bailes de salão, opõe-se o drama da trincheira enlameada e barulhenta, com os corpos dos feridos envolvidos por panos nauseabundos. Entre estes dois extratos sociais (neste aspeto "Paths of Glory" prolonga a inteligente análise de "A Grande Ilusão", de Jean Renoir) existe o choque visível numa clara luta de classes que ultrapassa as fronteiras das nações. Para Kubrick, a guerra é pensada pelos "Senhores" e executada pelos "Operários" desta grande indústria.

A realização de "Horizontes de Glória" é de uma exemplaridade total, com os longos "travellings" por entre as trincheiras com os soldados a abrirem alas para passarem os oficiais, ou os movimentos de câmara que acompanham o avanço das tropas em terra de ninguém. Conhecem-se as cumplicidades facilmente. Não espanta, por isso, que na sequência final os soldados franceses se "aproximem" mais emocionalmente de uma pobre alemã que canta um tema musical que acaba em confraternização de vozes, do que dos seus próprios generais que não hesitam em atirar sobre eles próprios ("Se eles têm medo das balas alemãs, terão de enfrentar as balas francesas", grita Mirbeau). O estudo das relações de poder é um dos temas básicos da filmografia de Stanley Kubrick. A sua análise iniciada aqui, será prolongada em "Spartacus", adaptada ao mundo romano, e posteriormente em "Dr. EstranhoAmor", "2001", "Laranja Mecânica", "Barry Lyndon" ou "Nascido para Matar". Como humanista e profundo observador da condição humana, ao cineasta não interessam tanto as receitas marxistas que outros

adotaram em obras semelhantes (até no Ocidente, cite-se Joseph Losey, em "King and Country"), mas sobretudo a dúvida sobre o futuro do Homem e a bondade possível do seu coração.



HORIZONTES DE GLÓRIA
Título original: Paths of Glory
Realização: Stanley Kubrick (EUA, RFA, 1957); Argumento: Stanley Kubrick, Jim Thompson, Calder Willingham, segundo romance de Humphrey Cobb ("Paths of Glory"); Música: Gerald Fried; Fotografia (p/b): Georg Krause; Montagem: Eva Kroll; Direcção artística: Ludwig Reiber; Guarda Roupa: Ilse Dubois; Maquilhagem: Arthur Schramm; Direcção de produção: John Pommer, Helmut Ringelmann, George von Block; Assistentes de realização: Dixie Sensburg, Franz-Josef Spieker, Hans Stumpf; Som: Martin Müller; Efeitos Especiais: Erwin Lange; Produção: James B. Harris; **Intérpretes:** Kirk Douglas (Coronel Dax), Ralph Meeker (Cabo Phillip Paris), Adolphe Menjou (General George Broulard), George Macready (General Paul Mireau), Wayne Morris (Tenente Roget/Homem que canta), Richard Anderson (Major Saint-Auban), Joe Turkel (soldado Pierre Arnaud; Christiane Kubrick (cantora alemã), Jerry Hausner (dono de café), Emile Meyer (Padre Dupree), Bert Freed, Kem Dibbs, Timothy Carey, Fred Bell, John Stein, Harold Benedict, Leon Briggs, Paul Bös, Peter Capell, Wally Friedrichs, Halder Hanson, James B. Harris, Rolf Kralovitz, Ira Moore, Marshall Rainer, Roger Vagnoid, etc. **Duração:** 86 minutos; Distribuição em Portugal: MGM; Classificação etária: M/ 16 anos.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL| SEGUNDA-FEIRA, 20 DE JUNHO, DE 2022
MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 21H00 (entrada livre**)**

KOYAANISQATSI
Título original: Koyaanisqatsi
Realização: Godfrey Reggio (EUA, 1982)
Duração: 86 minutos | M/6